

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO**CCE – Coordenação Central de Extensão****Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais****Prof^{as}:** Rosália Duarte, Rita Leal, Ilana Eleá**Discente:** Ilma Debellian

ilmadebe@terra.com.br

Resumo 02 - abril/ 2008.1

RESENHA CRÍTICA¹

BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia. Dispositivos sociais de crítica midiática.** SP: Paulus, 2006, p.21-44.

FERGUSON, Robert. **Media Education e o desenvolvimento de uma pedagogia apropriada.** Colabora , Santos, v. 1, n. 3, p. 3-16 Feb-Apr/2002

1. Media Education e o desenvolvimento de uma pedagogia apropriada. Robert Ferguson

No Reino Unido as mídias de massa têm sido discutidas por muitos anos. Cursos como Estudos de Cinema, Estudos de Comunicação e Estudos de Mídia são muito populares, apesar de não fazerem parte do Curriculum e serem opcionais.

Lá, Mídia Education é uma atividade transcurrenular. É uma abordagem da educação que pode ser adaptada a assuntos tão variados como ciências, linguagens e estudos sociais

Ferguson defende uma abordagem da mídia education que « é ativa, participativa e que envolve o desenvolvimento de uma série de habilidades analíticas e descritivas. Não é prescritiva, a não ser quanto a estar firmemente enraizada no ideal da educação democrática. Isso significa que será uma mídia education que pretende questionar toda uma variedade de questões e formas de representação e debater leituras e entendimentos possíveis sobre essas questões.

O British Film Institute (BTI) relacionou seis aspectos numa tentativa de trazer alguma coerência ao desenvolvimento da mídia education, e ao mesmo tempo, ofertar algumas formas de diferenciar a mídia education do resto do curriculum. Esses aspectos foram pensados para ser habilitadores e não prescritivos. Os aspectos são:

- 1) Agências – quem está comunicando e porquê ?
- 2) Categorias – de que tipo de texto se trata ?
- 3) Tecnologias – como é produzido ?
- 4) Linguagens – como sabemos o que significa ?
- 5) Audiências - quem recebe e que sentido fazem do que recebem ?
- 6) Representações – como apresenta o seu assunto ?

Ferguson expande esses aspectos, propondo outros 6 que segundo ele, são um complemento necessário aos « aspectos » existentes ; ele os apresenta em forma de

¹ O texto se configura como parte da segunda atividade proposta aos alunos no curso de Especialização em **Mídia, Tecnologia da Informação e Novas Práticas Educacionais**, turma 2008.1.

diagrama pois formam uma constelação e são todos relacionados uns com os outros. **Ele sugere que os conceitos sejam revisitados muitas vezes, sugere ainda que sejam abordados « partindo-se inicialmente das experiências existentes das crianças ».** Os 6 aspectos detalhados por Ferguson são : 1) prazer, 2) poder, 3) discurso, 4) política, 5) identidade, 6) democracia.

Ferguson termina enfatizando que « não estava tentando escrever um texto do tipo como fazer. O que procurei fazer foi cobrir algumas das principais áreas a partir das quais tenho a esperança **de que professores possam desenvolver materiais relevantes para seus contextos educacionais particulares. Eu apenas gostaria de terminar dizendo que, para mim, mídia education é sobre a cuidadosa formulação de questões, que precisam ser abordadas tanto pelos professores quanto pelos estudantes.** Ainda segundo ele, a mídia education é um processo de exploração consciente da importância da relação entre o mundo no qual todos vivemos e as representações desse mundo nas mídias. »

O texto do Ferguson nos permite refletir sobre algumas questões :

Primeiro, não podemos esquecer que o texto foi escrito para uma realidade cultural e escolar totalmente diferente da brasileira.

Vale a pena lembrar o tempo que a criança passa na escola no Brasil, que faltam professores em muitas escolas, não temos matérias opcionais, e muitas das nossas crianças freqüentam a escola pela merenda.

Segundo, como o próprio Ferguson coloca com muita propriedade, ele não está tentando escrever um texto sobre « como fazer »,mas procura levantar subsídios para que professores possam desenvolver materiais relevantes para seus contextos educacionais particulares.

Finalmente, ele sugere que os conceitos sejam abordados a partir da experiência dos alunos.

Na minha modesta opinião, partir da experiência dos alunos é fundamental para entender o que acontece na sala de aula, para viabilizar qualquer projeto ou proposta pedagógica e para facilitar o engajamento dos alunos. Cada turma possui suas culturas próprias. Criar materiais próprios para elas, pode significar respeitar essas culturas e a diversidade existente na sala de aula.

Além disso, no momento que os alunos se engajam, quase sempre, começam a descobrir seus potenciais ocultos, a auto-estima melhora, ganham mais desembaraço, como por exemplo, para falar diante da turma ou para representá-la em determinada situação, lideranças se revelam. Melhor ainda, quando os alunos podem construir o material.

2. A sociedade enfrenta a sua mídia. José Luiz Braga.

Nesse capítulo, « O sistema da resposta social », Braga propõe um terceiro sistema - o sistema de resposta -, a ser adicionado aos 2 que a teoria da comunicação reconhece existir : o da produção e o da recepção.

O sistema de resposta apresentado por Braga, se inspira em Bhaktin.

Para ele, a idéia do locutor ativo e o receptor passivo não corresponde à realidade do que acontece em um processo de comunicação real, pois não pressupõe o outro. O outro quando é levado em consideração é um destinatário passivo que se limita a compreender. Essa visão totalmente distorcida não representa o todo real da comunicação.

A compreensão de uma fala é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa, isto é, o outro concorda, discorda, completa, rejeita, ignora etc. Toda compreensão implica numa resposta, que de alguma maneira se realiza, ou seja, o ouvinte torna-se locutor.

Na realidade, o locutor postula essa compreensão responsiva ativa. Ele não quer uma resposta passiva, ao contrário, ele espera uma resposta seja em forma de adesão, objeção, recusa ou até mesmo o silêncio.

Braga se afasta do modelo originário da teoria da comunicação : um emissor envia uma mensagem através de um meio de comunicação a um receptor. Esse modelo unidirecional é responsável pela crença no dualismo entre mídia e sociedade, entre ativo e passivo, ou seja, a mídia age e a sociedade sofre seus efeitos passivamente. Braga contrapõe : a sociedade não apenas sofre os efeitos, nem resiste pontualmente, mas se mobiliza para enfrentar sua mídia.

Braga define o sistema de interação social sobre a mídia (seus processos e produtos) como um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem não estariam na cultura.

O jornal pode virar papel de embrulho, lixo, no dia seguinte, mas as informações e estímulos continuam a circular. O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia.

Hoje, uma boa parte do esforço social de pessoas e instituições é obter visibilidade, para ter circulação midiática. Devemos então distinguir :o que a mídia veicula (que se caracteriza na verdade como sistema de produção) e o que, tendo sido veiculado pela mídia, depois circula na sociedade.

É esse segundo tipo de circulação que interessa, pois é nela que vamos encontrar o que a sociedade faz com sua mídia : é portanto uma resposta.

É relevante, para percebermos o sistema de interação social sobre as mídias, que a circulação de produtos midiáticos na sociedade não se faz apenas como « escolher e acolher » segundo critérios culturais anteriores, mas gera um trabalho social dinâmico : respostas.

Os processos que se passam no sistema de interação social sobre a mídia não se confundem com os processos de produção nem de recepção e devem ser vistos em sua distinção e articulação com os outros 2 subsistemas, para uma percepção adequada dos processos midiáticos.

O leitor, o espectador sempre interage com o texto, seja ele qual for, trazendo sua vivência, sua experiência de mundo. Ele sempre acrescenta, enriquece, modifica o texto de alguma maneira. Nem sempre o leitor tem consciência desse fato. Na escola, muitas vezes acontece justamente o contrário, ou seja, não somos estimulados a desafiar o texto, a discordar, a confrontá-lo com nossas experiências, nossa realidade.

Embora não percebamos a sociedade interage com sua mídia. Existe toda uma variedade de dispositivos sociais como: cineclubes, foruns de debates sobre rádio e televisão, crítica jornalística, etc.

Esses dispositivos socialmente gerados para organizar falas e reações sobre a mídia, utilizam, com freqüência, a própria mídia como veiculador. A seção carta dos leitores é um bom exemplo de como a sociedade interage com sua mídia, embora com diferentes graus de intensidade de acordo com o impacto da notícia, da emoção.

Além disso, há os espaços extramidiáticos, salas de aula, bares, cafés, associações onde essas interações são freqüentes, fazem parte do cotidiano da sociedade.

Por que a escola subutiliza esse espaço? Nossas crianças passam horas assistindo televisão, entretanto, a postura da escola é a de ignorar a sua poderosa existência, seu potencial na transmissão de valores e de conhecimento. Ao se recusar a trazer a televisão para a realidade da sala de aula, a escola está limitando seu potencial interativo com seus alunos, empobrecendo o ambiente escolar, abrindo mão de partilhar um pouco da vida, das idéias, das narrativas que os alunos trazem de casa. É provavelmente, em torno da televisão que os alunos interagem com suas famílias.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.